

**A INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NO PROCESSO DE
ESCRITA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA EJA EM UMA ESCOLA DA
REDE MUNICIPAL DE BELÉM/PA**

**THE INTERFERENCE OF ORALITY IN THE WRITING PROCESS:
AN ANALYSIS OF THE TEXT PRODUCTION OF *EJA* HIGH
SCHOOL STUDENTS AT A SCHOOL IN THE CITY OF
BELÉM/PA**

Jorge Haber Resque 

RESUMO

A presente pesquisa apresenta uma síntese do trabalho de conclusão do curso, com o tema: a influência da oralidade no processo da escrita, a partir da produção textual de alunos do ensino médio do (CEEJA) Centro de Educação de jovens e Adultos, localizada em Belém/PA. Com o objetivo de analisar como a oralidade pode influenciar no momento da escrita. Com base nas análises que fizemos, identificamos palavras cuja grafia não atendem a norma padrão da Língua Portuguesa. Esse fato indica a importância de que a sociolinguística esteja pautando o trabalho escolar com a linguagem, não para rotular ou estigmatizar o aluno, mas ajudá-lo a lidar com os possíveis desvios linguísticos da língua materna, visto que hoje muitos discentes trazem características próprias da fala para a escrita. A finalidade deste trabalho não é mostrar a linguagem correta ou incorreta, mas sim, o que buscamos nesta pesquisa é entender as causas dessas marcas da oralidade no processo da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Oralidade. Sociolinguística.

ABSTRACT

This paper shows a summary of the final paper of our Undergrad Course on the issue: The influence of orality in the writing process of essays by high school students from (CEEJA), Centro de Educação de Jovens e Adultos located in Belem/PA, with the aim of demonstrating how orality can influence the moment of writing. Based on the sample papers we used, we identified words whose spelling does not meet the standard norm of the Portuguese Language. Such fact points to the importance of the need for contributions from sociolinguistics, not to label or stigmatize the student, but help him deal with possible linguistic deviations from the mother tongue, since today, many students bring their own features of speech into their writing, the purpose of this work is not to show the correct or incorrect language, but to understand the causes of these marks of orality in the writing process.

KEYWORDS: Writing. Orality. Sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho consiste em entender quais são as principais interferências da oralidade no processo de escrita, levando-se em conta que, em nossa atuação como professor, é comum perceber que não são poucos os fatores que podem influenciar o efeito de um mecanismo sobre o outro. Uma das principais causas desta interferência, da fala sobre a escrita, é o ambiente onde o indivíduo está inserido. Tal fato pode ser exemplificado quando um aluno começa seu processo de escolarização, ele traz consigo um modo de se expressar, trazendo assim características específicas do seu cotidiano oriundos do meio familiar, ou de outros grupos do qual o mesmo participa. Esses traços não estão presentes somente na oralidade, mas também podem ser observados na escrita.

A fala e escrita possuem características próprias, apesar de utilizarem o mesmo sistema linguístico, não podem ser vistas de forma oposta. Os diversos tipos de práticas sociais de produção textual vêm se acentuando no decorrer de um contínuo tipológico onde estão, de um lado, a escrita formal e, do outro lado, a conversação informal e coloquial. Marcuschi afirma que: "as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do contínuo tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos diferentes" (Marcuschi, 2003, 19).

Ao utilizar as duas modalidades, entende-se possível a elaboração de produção escrita coerente e lógica, bem como a oportunidade de promover o uso de enunciação correta ou apropriada, a partir de fatores, segundo Marcuschi (2003, p. 27), tais como a elaboração de raciocínio abstrato e exposição formais e informais, variações estilísticas sociais, dialetais, entre outras. Cronologicamente, sabe-se que a oralidade possui uma primazia sobre a escrita, pois todos os povos possuem uma tradição oral; no entanto, poucos tiveram ou têm uma tradição escrita, segundo Kato (1998):

É função da escola introduzir o aluno no mundo da escrita, tornando-o um cidadão capaz de utilizá-la para a sua própria necessidade, fazendo o uso da linguagem como instrumento de comunicação e interação e, conseqüentemente, atendendo as demandas da sociedade que prestigia esse tipo de linguagem (Kato, 1998, p. 9-14).

Compreende-se que a linguagem oral e escrita possui características diferentes, porém podemos encontrar marcas da primeira em textos escritos, pois algumas pessoas não percebem que fazem utilização da linguagem oral em seu

processo textual. A falta de um repertório linguístico amplo pode influenciar na hora da produção do seu texto, implicando numa incidência maior de inadequações de escrita (regras gramaticais). Com essa incidência, as marcas da oralidade tornaram-se evidentes na produção textual dos sujeitos. De acordo com:

Fávero, Andrade e Aquino: "a escrita tem sido vista como estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto" (Fávero; Andrade; Aquino, 2009, p. 9).

A relação entre uma determinada variedade linguística e a escrita é o resultado histórico entre grupos sociais que eram e são usuários (não necessariamente falantes nativos) das diferentes variações. Ao associar uma variedade linguística à comunicação, implica iniciar um processo de reflexão sobre tal variedade e um processo de "elaboração" da mesma, a escrita nunca vai ser a mesma coisa do que falar: é uma operação que flui nas formas escolhidas e nos conteúdos referenciais. A linguagem oral vai depender do contexto, ao contrário da escrita que é geralmente descontextualizada no âmbito escolar. A coesão da linguagem oral se dá por meio de recurso para linguísticos e suprasegmentais, por conseguinte, na linguagem escrita, se dá através dos meios lexicais e de estrutura sintáticas complexas.

A linguagem oral em suas características é possível corrigir os erros imediatamente, dessa forma é entendida de maneira natural e espontânea, do que a linguagem escrita. Assim o desenvolvimento ocorre através do convívio com outras pessoas, e o aprimoramento através da leitura dos mais diversos gêneros textuais, contando com o suporte das expressões faciais, gestos, entonação e postura, que ajudam a transmitir a mensagem. A linguagem escrita é vista como o uso mais formal, e busca seguir as regras gramaticais, não tendo o mesmo suporte que a linguagem oral. Como gestos e expressões faciais, com isso ao escrever é entendido que haverá a preocupação em analisar, como a mensagem será entendida pelo receptor.

Ao discorrer da oralidade não é por acaso que certos discursos são encontrados, e não na memória escrita trabalhando teoricamente com o fato de que a oralidade, é historicamente produzida, entendemos a oralidade como um lugar sócio histórico de produção e de circulação dos sentidos. Uma vez que os discursos produzidos em circulação, encontra-se como materialidade linguístico - discursivo

oral, nos embates das práticas discursivas, entre elas e da escrita que se conflitam na sociedade.

Assim, considerando que ambos processos apresentam o mesmo sistema, e que de fato algumas categorias gramaticais bem assentadas para o domínio escrito, podem não ser identificados como tais no domínio oral. A observação de que o oral e o escrito constituem dois tipos distintos, de expressão discursiva, que são submetidos a lógicas próprios e relacionados, entre outras coisas, como a memória. A outra é que a oralidade, no sentido amplo, veicula principalmente valores e crenças próprias das tradições, que podem ser considerados na relação com a cultura em geral, e com o saber específico que tal literatura elabora.

Portanto, este trabalho será dividido em quatro partes: a introdução que aborda sobre as principais interferências da oralidade no processo da escrita, o referencial teórico que embasará pesquisas e discussões feitas por autores que discorrem sobre o objeto pesquisado, a metodologia descreverá os métodos que utilizaremos para nortear os procedimentos para coleta de dados, os resultados obtidos durante a realização do projeto, contribuirá para o conhecimento científico e social, e a análise onde investigaremos os resultados para encontrarmos respostas as hipóteses formuladas e por fim elaboraremos a conclusão.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo apresentaremos os pressupostos teóricos que nortearão a nossa pesquisa, garantindo-nos, dessa forma, uma base para levantamento das discussões em torno do tema proposto. Partiu-se do princípio de que toda atividade educativa visa ao bom desempenho do aluno e para isso se utiliza de estratégias, o presente trabalho faz uma reflexão acerca da influência da oralidade no processo textual na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o propósito precípuo de contribuir para uma reflexão crítica sobre a relação ensino- aprendizagem nesta modalidade e desse modo propor uma (re)visão criativa nos métodos de alfabetização.

Para compor o arcabouço teórico desta pesquisa buscaremos o entendimento de Marchuschi quando indica que a fala é um conjunto de sons sistematicamente articulados e significativos. Ela é uma forma de produção textual para fins comunicativos (Marcuschi, 2003, p. 25). A língua e a escrita também não podem ser confundidas, pois trata-se de dois sistemas distintos. A escrita é um ato posterior ao

da fala e muitas pessoas fazem uso da língua através da fala e não sabem escrever. Mesmo que a linguagem falada seja a mais utilizada pelas pessoas, no mundo, existem muitos países que não tem representação de escrita, isto é, línguas que não são representadas por nenhuma forma de escrita, que são aproximadamente 3 mil línguas onde apenas 110 possuem a escrita.

[...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (Marcuschi, 2003, p. 25).

Com base também em Koch, pode-se dizer que, no texto falado, a repetição se torna muito frequente quando, por exemplo, as crianças utilizam organizadores textuais típicos da em sua oralidade, tais como: daí, então, aí entre outros. É comum, nos textos, escrevermos como falamos quando os mecanismos da escrita ainda não foram aprendidos. Com isso, misturamos á oralidade. Encontramos, assim, a oralidade no discurso citado, e em geral este não introduz o verbo na fala do outro, então a criança tentando acertar a segmentação gráfica, acaba dividindo ou juntando as palavras em uma só, e também escrevem como ouvem. Assim como na fala, ao escrever, o sujeito não apaga a forma inadequada, procurando adequar ao seu conhecimento considerando a forma corrigida, segundo os pensamentos de Koch: "Na oralidade, a pessoa que fala pode fazer retificações no próprio contexto; já na escrita, a pessoa por não estar fisicamente presente, traz a necessidade de sempre dizer quem fala, por meio das marcas da linguística. (Koch, 1992, p. 124)

Os sentidos da produção textual, segundo Marcuschi (2003, p. 25), estão relacionados a um conjunto de sons que são sistematicamente articulados e significativos, entendendo que a fala e a escrita são distintas. Isso faz com que a oralidade não seja suficiente para o desenvolvimento textual. Concorda com essa posição Koch (1992, p. 124), ao afirmar que é normal os indivíduos utilizarem em seu processo de escrita os seus códigos linguísticos, uma vez que os mesmos não estão aptos a distinguir esses dois mecanismos, e é dever da escola preparar esse aluno a saber não somente diferenciar esses processos, mas ensinar a desenvolverem esses dispositivos sem interferir em sua oralidade. Então, uma vez que a fala é heterogênea e variável, esses indivíduos precisam conhecer essas diversidades linguísticas para o uso em determinadas situações. O código linguístico

já conquistou um espaço no ensino da língua materna, e nesse início de escolarização, a escrita é preferencial, pois esta ocupa papel central na vida das sociedades letradas. Contudo, “no início da escolarização a fala exerce influência sobre a escrita”.

Pensando sobre a língua na modalidade escrita, Bortoni-Ricardo (2004, p. 15) explica que, “as crianças manifestam espontaneamente “ecos” naturais de sua pronúncia e também incorporam aspectos convencionais da escrita encontrados na sociedade na qual está inserida”. No ato da fala o indivíduo recorre à oralidade para levantar hipóteses sobre o seu processo textual, e ao usar a escrita conduz uma análise própria fala. No momento em que a escrita e a oralidade fundiram-se e confundiram-se, as relações entre estes elementos (a fala, a escrita e os textos falados ou escritos) também vão se tornando complexos, exigindo um maior refinamento de análise, nem sempre encontrado quando se fala da escrita e de seu processo de apropriação na relação com a oralidade, com base nos pensamentos de Barthes; Marty: “Quando se aborda um par de práticas tão intimamente ligados como o oral e a escrita é necessário considera-las práticas sutis que não se sustentam apenas seu funcionamento presente” (Barthes; Marty, 1987, p. 57).

Podemos dizer que a escrita é um processo mais abrangente que implica os atos de pensar e planejar, ao contrário da fala, que é proferida mais prontamente, e é mais imediata não havendo tempo para planejamento, fazendo com que na oralidade, a repetição do mesmo item lexical seja uma exigência de como facilitar o processo da informação pelo ouvinte. Apesar da escrita não se fazer única, haja vista as variações de registro, possuindo características diferenciadas da fala. A linguagem e a escrita apresentam diferentes funções, a oralidade é mais comum com a função de informar e possui marcas que mostram certas intimidades além de usar de expressões mais coloquiais. E na escrita exige uma certa hierarquia em sua estrutura e possui marcas mais formais, assim a habilidade para escrever depende muito do domínio de alguns recursos linguísticos.

Diversos autores discorrem as diferenças entre a fala e a escrita que assumem a perspectiva da dicotomia, descrevendo e tendo peculiaridades nesses dois mecanismos, para alguns a fala é: contextualizada, dependente do contexto, implícita, redundante, não-planejada, imprecisa, não-normatizada e fragmentária. Enquanto a escrita torna-se descontextualizada autônoma (em relação ao contexto) explícitas, condensada, planejada, precisa, normatizada e completa.

A oralidade e a escrita representam realidades diferentes, conforme Cagliari (1993, p. 31), estão intimamente ligadas em sua essência, embora tenham uma realização própria e independente nos usos de língua. Ao decorrer da fala, nem sempre se pronuncia as palavras como de costume do jeito que se escreve. Em diversas regiões as pessoas falam de forma diferentes, embora em todas escrevam do mesmo modo, assim como em diferentes famílias a palavra **balde** pode aparecer pronunciado, conforme o uso da sua cultura, utilizando-se o som de **r** para a letra **l**.

É importante notar que na fala essa palavra aparece como **balde**, o que não muda em nada a norma escrita do mesmo, a variação social diz respeito às diferentes observações na linguagem de diversos grupos sociais, sendo constituídos por critérios variados, como: classe social, grau de instrução, idade, sexo, etnia, profissão e entre outros. Em relação à influência da posição social ou de grau de instrução fatores que em geral se apresentam juntos, essa chamada é dada de linguagem oculta (ou padrão) e a linguagem popular.

Outro fator importante é que o aluno percebe a escrita como transição da fala, ao escrever **baude** não é cometido nenhum erro, uma vez que a grafia corresponde a maneira ao código linguístico. Ao referir-se a essa questão, Cagliari (1993, p. 31) defende que se a escola distinguísse claramente as influências da fala nos processos de escrita “veria essas produções textuais como escritas da oralidade, e feitos com propriedades fonéticas tão grande que chega a ser comovente a consciência que as crianças têm do modo como falam”. O autor esclarece que é preciso levar os alunos a perceberem que eles não falam de uma maneira única, mas diversificadas, conforme os dialetos onde cada um deles estejam inseridos.

A fala é anterior a escrita, todo ser humano, dentro das suas normalidades, tem a capacidade de falar, já a escrita é adquirida, não sendo, pois, acesso a todos. Com base nesse pensamento (Cagliari, 1993) enfatiza que a oralidade influencia na escrita, pois o autor do texto, ao escrevê-lo, não utilizará contextos informais, ele assumirá na verdade uma posição enunciativa específica da enunciação verbal, que é valorizada como oral.

Tanto a fala como a escrita devem ser trabalhados na sala de aula não como dois processos radicalmente opostos, mas apenas diferenciados, pois a aprendizagem da escrita deve ser mediada pela fala, de modo a que os alunos percebam as propriedades e funções de cada uma delas. Há livros para alfabetizar que, segundo Cagliari (1993, p. 40) “apresentam erros grosseiros de fonética porque

confundem fatos da fala com fatos da escrita”. O exemplo citado pelo autor refere-se à interpretação dos valores fonéticos da letra x em que se pretende distinguir os sons s e ss, quando na verdade elas representam um único som.

A escrita de textos espontâneos para serem analisados em conjunto, oportuniza que façam de forma tranquila e segura a passagem da fala para a escrita e da oralidade para a ortografia. Considera-se que um texto, é antes de tudo, significação, o que nos leva a entender que as análises não devem ser só formais, corre-se o risco de reduzir a fala á pronuncia e o textual a grafia. Considerando Cagliari (1993, p. 61), “um aluno pode transcrever talvez (talvez), mas não escreve eileifante (elefante) não escreve vei (vê), mas escreve veis em lugar de vez”. É impressionante como os erros dos alunos revelam uma reflexão sobre os usos linguísticos da escrita e da fala. Só a escola não reconhece isso, julgando que o aluno é distraído, incapaz de discriminar.

A distinção entre consoantes surdas e sonoras depende ainda do dialeto que a criança fala, pois, a palavra para um aluno pode conter um [p], um [t] ou um [s], dependendo das variações dialetais. Isso torna também difícil aprender a ortografia das palavras (Cagliari, 1993, p. 63).

Nessa perspectiva Bortoni-Ricardo, diz que o erro no dialeto é, pois, um fator social, ele não decorre da transgressão de um sistema de regras ou estrutura da língua e se explica, simplesmente, pela (in)adequação de certas formas e certos usos. Sendo assim, a língua escrita “depende” da língua falada. Desse modo, sendo compreendido como uma evidência sociológica, formas ou construções linguísticas, só serão consideradas, equivocadamente, com erros, somente até o momento em que sociedade as ver dessa forma.

O domínio da ortografia é lento e requer muito contato com a modalidade escrita da língua. Dominar bem as regras de ortografia é um trabalho para toda a trajetória escolar e, quem sabe, para toda a vida do indivíduo (Bortoni-Ricardo, 2006, p. 274).

Bortoni-Ricardo (2006, p. 275) afirma que: todos sabem bem que os alunos, quando chegam a escola, já são capazes de falar com muita competência o português, que é a língua materna da grande maioria dos brasileiros. Não sendo necessário em ensinar a se comunicar usando a língua portuguesa, em tarefas comunicativas que já são capazes de realizar, primeiro na língua oral e, depois, também, por meio da língua escrita. Nesse sentido, as ocorrências de erro

ortográfico não devem ser observadas como uma deficiência de escrita, mas como uma maneira de identificar quais as necessidades dos alunos, analisando que estes apresentam, na grafia, suas posições, os conceitos que conseguiram formular através das hipóteses elaboradas, a partir do seu conhecimento prévio.

[...] é nossa tarefa na escola ajudar aos alunos a refletir sobre sua língua materna. Essa reflexão torna mais fácil para eles desenvolver sua competência e ampliar o número e a natureza das tarefas comunicativas que já são capazes de realizar, primeiramente na língua oral e, depois, por meio da língua escrita (Bortoni-Ricardo, 2006, p. 268).

Pensando sob a língua na modalidade escrita, Bortoni-Ricardo (2004, p. 278) explica que, “as crianças manifestam espontaneamente “ecos” naturais de sua pronuncia e também incorpora aspectos convencionais da escrita encontrados na sociedade a qual está inserida”. No ato da fala o indivíduo recorre à oralidade para levantar hipóteses sobre a escrita, e ao usar a escrita conduz uma análise da própria fala. Quanto à língua falada, o erro não constitui um padrão de transgressão de algum sistema de regras da língua, mas uma variedade que ocorre e concorre com outras variedades linguística sendo assim, um fator social e não gramatical, resultando apenas numa inadequação do uso da fala.

Se para a fala não se pode falar em erro (visto que as variantes constituem apenas maneiras possíveis de dizer a mesma coisa e transgressão é apenas um fator social), na língua escrita, o erro é visto de outra maneira, já que esta constitui um código convencionado, que não prevê variação Bortoni-Ricardo (2006, p. 268). Dessa maneira, o professor jamais poderá ignorar a questão de erro na escrita, o que não significa que uma transgressão na ortografia do aluno deva ser considerada uma deficiência deste. Assim o autor traz duas categorias de erros: a primeira em decorrência dominador do sistema de convenções da escrita. E a segunda refere-se aos erros de transferir os hábitos da fala para a escrita. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 56):

Um problema difícil no estudo do português brasileiro contemporâneo é o de estabelecer distinções entre regras variáveis que definem uma estratificação gradual, ou seja, quando há um aumento crescente na frequência de um uso em diversos grupos sociais, e as regras que indicam uma demarcação descontínua e definida entre os grupos sociais e que estão, portanto, presentes no repertório verbal de alguns estratos e ausentes na linguagem dos demais.

É visto que existe um sério problema em relação ao estabelecimento entre as regras variáveis, tratar a variante como não estando a todo o tempo vivenciando a norma culta, que é vista como maior prestígio social. Incluindo assim é importante ressaltar que o professor tem que estar consciente de que o aluno comete desvios de ortográfica, e não torna-se um “erro de português”.

O ensino da mesma exige exercício, memorização, treinamento e é uma competência que tem que ser ensinada, diferentes de outras competências que podem ser adquiridas. Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 75), diz que a escola é considerada “por excelência, os lócus - ou espaço - em que os alunos vão receber, de forma sistemática, com recursos comunicativos permitindo o desenvolvimento de maneira competente as práticas sociais especializadas.

Com isso, Cagliari (1998, p. 85) enfatiza que “aprender o dialeto padrão é indispensável, não para haver uma justificativa aos acontecimentos relacionados, mas como uma maneira de garantir um conceito melhor aos discentes”. Entende que é importante que o professor, diante do aluno que fala diferente da língua padrão, seja um mediador que compreende o valor cultural e histórico das variedades linguísticas desses falantes.

Esse professor deve direcionar esse discente a uma reflexão que possibilite dominar também a variedade padrão e possa ser usada quando necessária, para que esse papel seja em conhecer a realidade de cada um, percebendo as expectativas e necessidades em relação ao processo de alfabetização. Assim, Bortoni-Ricardo e Cagliari (1998, p. 106), aponta que o professor deve explicar aos educandos o que significa ler e escrever e assim incentivá-los a querer aprender motivando-os com previsões de uso desse conhecimento para o decorrer do andamento da sua vida.

Há também a necessidade de refletir sobre sua própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar deficiências. Encarando variáveis tipos de erros apresentados pelos alunos, identificando aspectos linguísticos e gramaticais através das funções fonológicas, sintáticas e morfológicas. Encontrando alternativas para que o professor direcione a sua prática afim de diminuir essas ocorrências, tanto o aluno, como o docente devem ser conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer as mesmas coisas.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi fundamentado com base no estudo da sociolinguística, sendo realizado a partir de uma pesquisa de campo no CEEJA - Centro Educacional De Jovens e Adultos no município de Belém-PA. Após a definição do tema e o recorte do objeto de pesquisa, buscou-se através de estudos bibliográficos, reunir as produções existentes sobre o tema para construção do referencial teórico e análise dos dados coletados, com objetivo de analisar os traços da oralidade presentes nas produções textuais de alguns alunos do ensino médio no CEEJA na modalidade de Ensino personalizado, na faixa etária de 20 a 60 anos, sendo o total de 25 produções textuais observadas desses alunos.

A pesquisa é descritiva e tem como objetivo apresentar as principais ocorrências nas quais a fala interfere no processo de escrita. Com a finalidade de encontrar as marcas da oralidade dentro dos textos produzidos pelos alunos da EJA do ensino médio, do CEEJA (Centro Educacional De Jovens e Adultos). Analisou-se os principais fatores da oralidade que interferem na escrita - e suas consequências, por trazerem em seu cotidiano cultural as marcas da fala, sendo umas das maiores dificuldades identificadas por eles e assim surgindo como falta de domínio linguístico dentro da produção textual. Por limitar o seu repertório linguístico usando características próprias da oralidade, passando despercebidos que essa linguagem oral não tinha que estar presente no devido momento do processo da escrita.

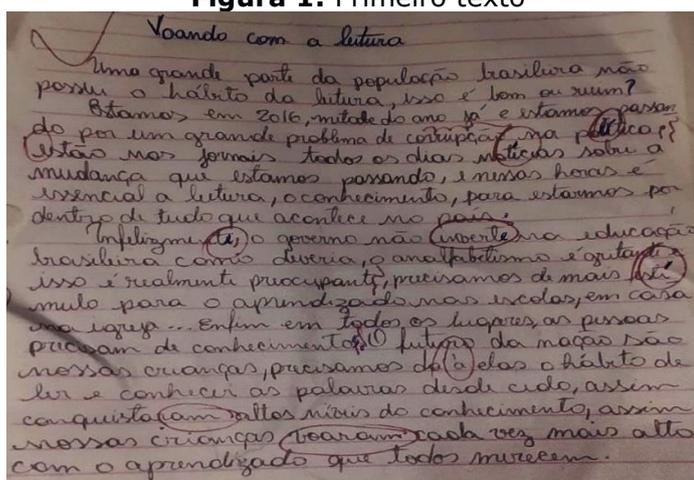
A partir de uma abordagem quantitativa-qualitativa de pesquisa, nosso estudo focou em explicar a interferência da oralidade na aquisição da escrita, a partir de uma amostra linguística constituída de redações produzidas por alguns alunos do ensino médio da EJA no CEEJA (Centro Educacional de jovens e adultos) sendo uma instituição pública localizada em Belém do Pará e que trabalham com o ensino personalizado, buscamos o máximo de informações possíveis de trabalhos escritos por esses alunos do ensino médio, o aspecto quantitativo justifica-se em função de analisarmos fatores linguísticos e extralinguísticos: gênero, faixa-etária e contexto social acerca das interferências da oralidade na escrita presentes nos textos. Desta forma, analisamos um total de 15 produções textuais, que pudemos observar em horários diversificados durante a as atividades desses alunos nos seus respectivos módulos.

Verificamos que muitas pessoas não escrevem do mesmo jeito que falam, essas diferenças entre oralidade e escrita são perceptíveis, e essas influências espontâneas são marcas que aparecem para preencher lacunas próprias do uso da escrita. Percebemos, diante disso, que a oralidade influencia escrita e que ambas são indispensáveis, pois cada uma desempenha suas funções em contextos sociais diferentes.

3 ANÁLISE DE DADOS

A partir da análise das produções textuais dos alunos selecionados, percebemos que a oralidade ainda interfere muito na escrita desses alunos, a diversos desvios devido a essa interferência da oralidade na escrita, e no sistema ortográfico desses discentes, abaixo teremos 15 amostras de produções textuais dos alunos do ensino médio do CEEJA Centro de Educação de Jovens e Adultos.

Figura 1: Primeiro texto



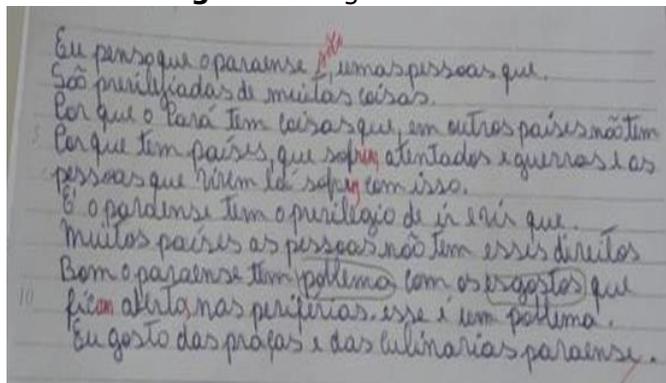
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Com base neste texto percebemos que a marca da oralidade é identificada no decorrer de sua produção textual, quando o discente discorre dentro do texto a palavra "infelizmenti" para "infelizmente", usando a vogal /i/ ao invés do /e/. A esse fenômeno denominamos de neutralização, quando o aluno faz a troca desses fonemas no final das sentenças, conforme nos indica Bortoni-Ricardo e também Cagliari com relação aos problemas fonológicos que podem interferir na escrita.

Outra marca encontrada no texto, são os verbos "conquistaram" e "voaram", onde se indentifica que os verbos deveriam estar no futuro. No entanto, estão no

passado, e isso ocorre pelo fato do aluno escrever da forma como fala, de acordo com os estudos de Koch e Cagliari.

Figura 2: Segundo texto

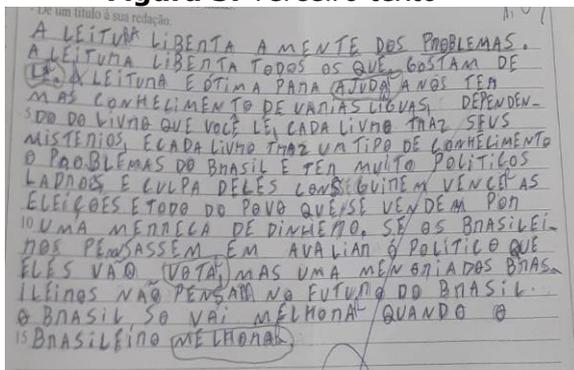


Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Ainda tendo como base os estudos de Bortoni-Ricardo e Cagliari, acerca das variações produzidas pela oralidade e o uso da norma padrão, identificou-se, dentro da produção textual, algumas marcas da oralidade elaborada pelo discente, como as palavras “previlejados” ao invés de “privilegiados”, havendo assim a troca da consoante /g/ pela consoante /j/.

Dando continuidade a identificação das marcas da oralidade do presente texto, encontra-se a neutralização ocorrendo a troca da vogal /e/ ao invés da vogal /i/ quando o discente escreve “previlejado” ao invés de “privilegiado”. Outra identificação feita foi da palavra “poblema” ao invés de “problema”, ocorrendo o apagamento da consoante /r/. Observamos também a palavra “esgosto” ao invés de “esgoto”, percebendo que o aluno faz o acréscimo da consoante /s/. Outra marca da oralidade observada foi a palavra “fica” ao invés de “ficam”, em que o verbo está no indicativo do presente.

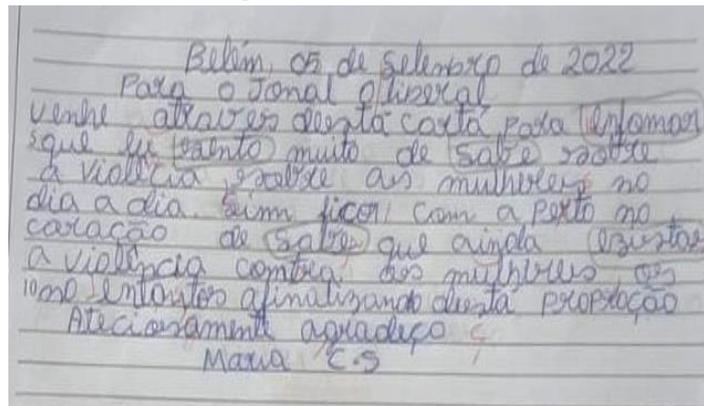
Figura 3: Terceiro texto



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Identificou-se, neste terceiro texto, que o principal fenômeno que ocorre é o apócope, quando o aluno faz a supressão do fonema /r/ nos verbos “lê”, “ajuda”, “vota”, “melhora”. Percebe-se que o discente, ao escrever sua redação, não se atenta para o erro fonológico, uma vez que esses verbos deveriam ser escritos da seguinte forma: “ler”, “ajudar”, “votar” e “melhorar”, também como indicam os estudos de Koch e Cagliari dentre outros.

Figura 4: Quarto texto

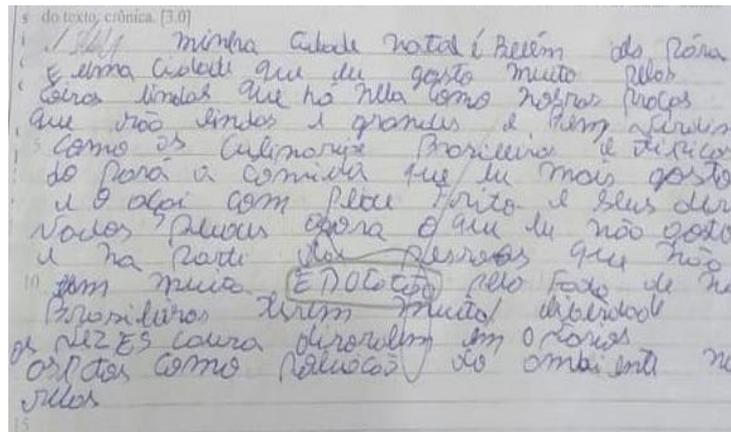


Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Aqui, ao analisar esta produção textual, encontrou-se a primeira marca da oralidade, quando o discente escreve a palavra “jonal” ao invés de “jornal”, “sabe” ao invés de “saber”, ocorrendo novamente a apócope, que faz a supressão do fonema /r/ nos verbos. O aluno não se atenta para o erro fonológico. Outra identificação dentro do texto ocorre na palavra “venhe” ao invés de “venho”, ocorrendo a neutralização da troca da vogal /o/ para a /e/, corroborando assim as colocações de Cagliari sobre o uso da norma padrão.

Apresentando a palavra “enformar” ao invés de “informar” e “sento” ao invés de “sinto”, trazendo para dentro do texto novamente o fenômeno da neutralização com a troca da vogal /e/ ao invés da /i/. Outro processo que foi identificado dentro do texto é o da nasalização, que ocorre quando há a transformação linguística da permuta de um fonema oral para outro nasal; o discente usa a palavra “comtra” ao invés de “contra”, e “setembro ao invés de “setembro”. Fazendo a inversão do /m/ para o /n/ e vice versa. E quando o aluno faz a supressão da palavra “ateciosamente” ao invés de “atenciosamente” ocorrendo a queda da consoante /n/ na palavra, conforme apontam os estudos de Bortoni-Ricardo e Cagliari.

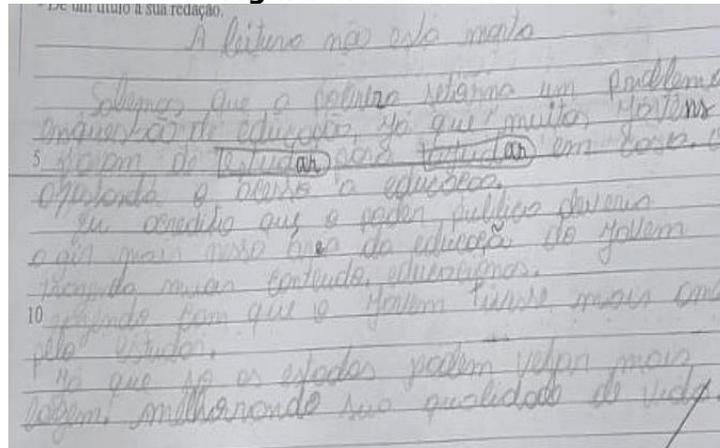
Figura 5: Quinto texto



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Neste texto teremos novamente o fenômeno de neutralização, quando esse discente faz essa troca das vogais /o/ pela /u/ na palavra “edocação” o mesmo deveria ter escrito “educação” no entanto, ele traz para dentro da sua escrita característica do seu linguajar, teremos ainda nesse texto o termo “disordem” se olharmos mais profundamente, entenderemos que há um marca da oralidade nessa escrita, e também ortográfico, pois o correto seria “desordem”, percebe-se que ao pronuncia é exatamente como a escrita, mas acabam ocorrendo em algumas situações nesse desvio linguístico.

Figura 6: Sexto texto

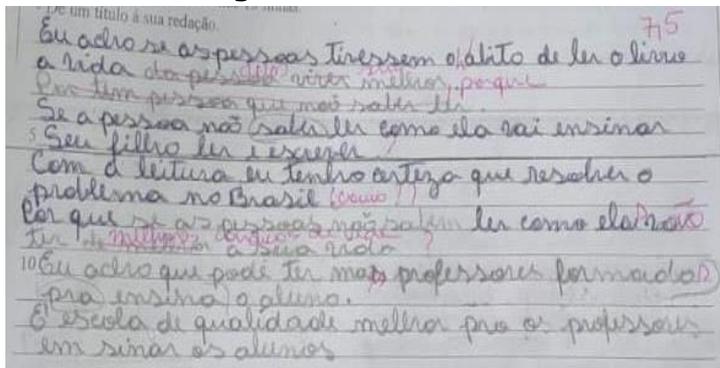


Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No presente texto encontra-se a marca da oralidade através da apócope quando o discente usa as palavras “estuda” e “ajuda” ao invés de “estudar” e “ajudar”, usando o “do” ao invés do “dos”, “jovem” ao invés dos “jovens” fazendo a supressão do fonema /r/ e /s/ e do morfema /ns/ nos verbos. O mesmo não se

atenta para o erro fonológico ao fazer a sua produção textual, observamos que na palavra "do" ao invés de "dos" ocorre o apagamento da consoante /s/.

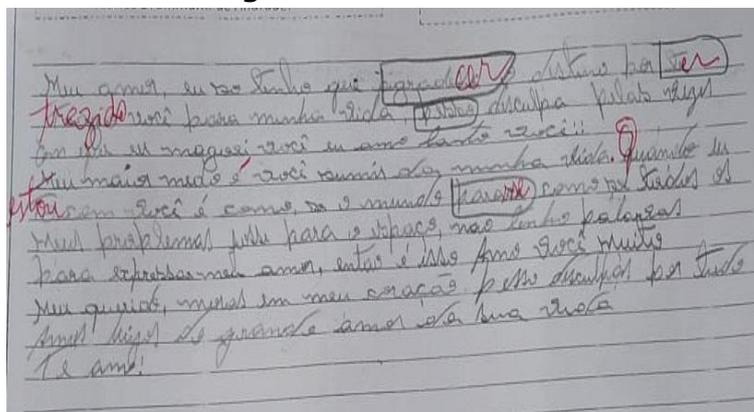
Figura 7: Sétimo texto



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Analisando a produção textual desse discente encontramos mais marcas da oralidade como na palavra "formado" ao invés de "formados", "ensino" ao invés de "ensinar". Discorrendo em sua análise a apócope fazendo a supressão do fonema /r/ e /s/, não conseguindo perceber o erro fonológico. Partindo disso na palavra "pra" ao invés de "para" ocorrendo a síncope com a supressão da vogal /a/ dentro da sua norma linguística.

Figura 8: Oitavo texto

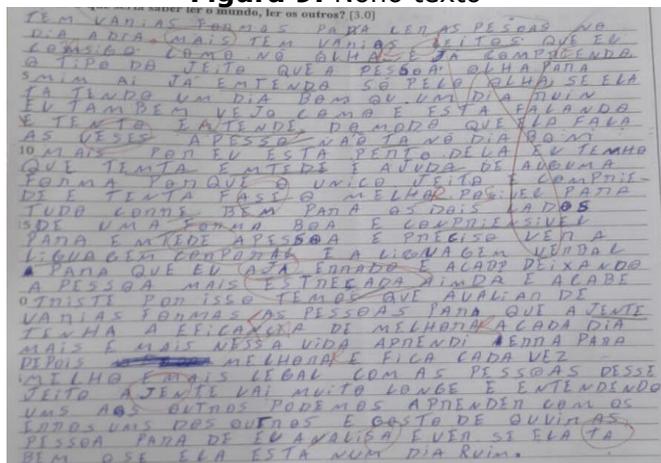


Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Percebe-se que o aluno usa na sua escrita a forma como ele fala, isso ocorre principalmente nos verbos: "Agradece", "tê" "trago" "peço" "ficace" e "tô" é normal a presença dessa linguagem coloquial, porém, as pessoas imaginam que na escrita isso não vá mudar, se esse discente estivesse seguido as normas da língua culta, o mesmo escreveria da seguinte forma: "agradecer" "ter" "trazido" "peço" "ficasse" e

“estou”, como já mencionamos, esse discente apresenta na sua produção textual o seu linguajar do seu cotidiano, sem distinções no momento da sua escrita.

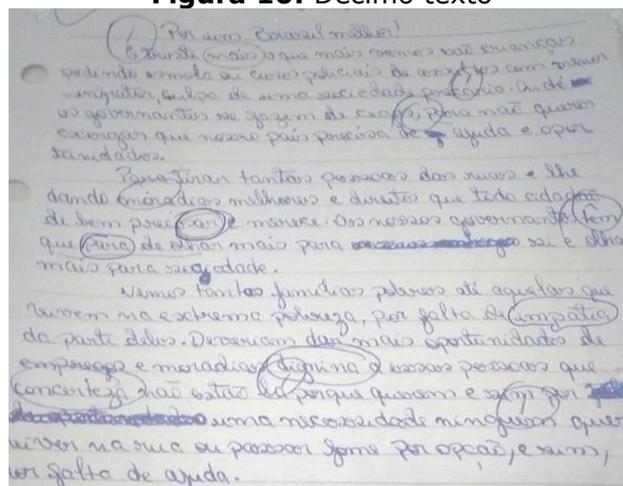
Figura 9: Nono texto



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nessa dissertação encontra-se marcas da oralidade como os exemplos nas palavras “faz”, “olha”, “melho”, “corre” e “melhora” ao invés de “fazer”, “olhar”, “melhor”, “correr” e “melhorar”. Ocorrendo a apócope dando a supressão do fonema /r/ ao final do verbo, o discente não se atenta para o erro fonológico da palavra. Outra observação é a palavra “vir” ao invés de “ver” ocorrendo a neutralização quando faz a troca das vogais /e/ pelo /i/, trazendo para a sua escrita as características do seu linguajar.

Figura 10: Décimo texto



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nota-se, que o aluno fez alguns desvios fonéticos nas palavras “precisar” para /precisa/ “para” ao invés de /parar/ “móradia” /moradia/ “impatia” /empatia/ e “lê”

/ler/, não somente esse aluno como os demais, principalmente nos verbos, acabam escrevendo sem a consoante /r/ o fenômeno que chamamos de apócope, e ao longo dessas análises encontramos diversas marcas da oralidade que sofreram principalmente esse metaplasmo o qual já mencionamos, a linguagem cotidiana das pessoas pode ser um dos fatores da influência da oralidade no processo textual.

Figura 11: Décimo primeiro texto

Muitas coisas aprendemos na escola, mas em casa não nos vem ab servando, mas o contrário, muitas vezes os pais não tem, mas tem que tem os filhos quando, os pais deixa o filho na escola eles, pensa que a criança está aprendendo mas, não de vem apresentando mais, aqui por um respondido e não, Criador, estudando por vezes que está para, basta, e o aluno quer ele tem que compreender o que os professores e os pais dizem. Durante esse processo descobrimos um mundo novo, e passa a crescer a madureza durante esse processo. A futuro é algo crucial para a aprendizagem de ser humano, pois a criança de lá que pedimos (inteligência) nesse hora (aulas) obter conhecimento.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nessa análise sobre a produção textual foi identificado as marcas da Oralidade nas palavras "deixa", "pensa" e "querer", ao invés de "deixam", "pensam" e "querem". Os verbos estão no indicativo do presente, ocorrendo a apócope e a desnasalação quando o aluno faz a supressão do fonemas, e ocorre o processo de transformação de um fonema nasal a um fonema oral /m/ e /r/. Outra identificação feita é na palavra "creçe" ao invés de "crescer", ocorrendo a síncope quando tem a supressão de fonema no meio do vocábulo /s/.

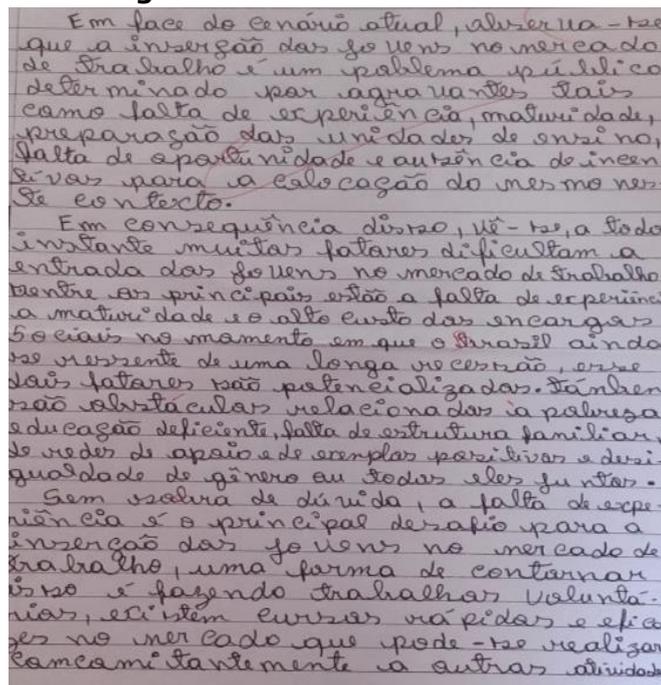
Hoje vemos cada dia mais jovens embaixadores, a sexualidade cresceu e com eles jovens foram para o mundo de crime. É muito fácil julgar o menor malfeito, chama de marginal, ladrão, pirater etc. tem muitos países que têm esses jovens a ser um menor embaixador, se hoje o João de 15 anos, segue em um lugar dos países, e porque o estado não deu seu apoio, onde na sua sua João não pode viver, por causa da criminalidade, o estado não deu (chance) e não escolhe para João e não se fala ele e sua mulher, de crianças que não têm saneamento básico, estudos, saúde. Talvez se o governo cumplice com seu papel João e outros milhões de jovens estariam com seu diploma e não com uma arma.

Figura 12: Décimo segundo texto

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nessa produção textual foi encontrado nas palavras elaboradas pelo discente, a marca da oralidade transcrita "julga" ao invés de "julgar" e "nosso" ao invés de "nossos", ocorrendo a apócope quando tem a supressão de um fonema ao final do vocábulo /r/ e /s/. Outra marca identificada foi na palavra "maginal" ao invés de "marginal", ocorrendo a síncope quando teve a supressão do fonema no meio do vocábulo /r/.

Figura 13: Décimo terceiro texto



Em face do cenário atual, observa-se que a inserção dos jovens no mercado de trabalho é um problema público determinado por agravantes tais como falta de experiência, maturidade, preparação das unidades de ensino, falta de oportunidade e autonomia de inserção para a colocação do mesmo no contexto.

Em consequência disso, vê-se, a todo instante muitas faturas dificultam a entrada dos jovens no mercado de trabalho. Entre os principais estão a falta de experiência, a maturidade e o alto custo das encargas sociais no momento em que o Brasil ainda se ressurte de uma longa recessão, essas faturas são potencializadas. Também são abstratas relacionadas à pobreza, educação deficiente, falta de estrutura familiar, de rede de apoio e de exemplos positivos e diversidade de gênero ou todos eles juntos.

Sem ressalva de dúvida, a falta de experiência é o principal desafio para a inserção dos jovens no mercado de trabalho, uma forma de contornar isso é fazendo trabalhos voluntários, e também cursos rápidos e eficientes no mercado que pode-se realizar concomitantemente a outras atividades.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Foi analisado dentro do presente texto marcas da oralidade na palavra "poblema" ao invés de "problema", ocorrendo a hipérfese quando tem a transposição de um fonema de uma sílaba para outro em um vocábulo no caso o /r/. A outra marca identificada dentro da produção textual foi na palavra "sobra" ao invés de "sombra", ocorrendo a síncope quando tem a supressão de um fonema no meio do vocábulo e a desnasalção ao processo de transformação de um fonema nasal a um fonema oral /sombra/ e/sobra/ na consoante /m/.

Nesta produção textual foi identificado as seguintes marcas das oralidades nas palavras "honra", "ajuda", "mulhe" e "mulher" ao invés de "honrar", "ajudar" e "mulher", ocorrendo assim a apócope quando tem a supressão de um fonema ao final do vocábulo sendo o /r/. Outra marca da oralidade identificada no texto é na palavra "pubricou" ao invés de "publicou", ocorrendo o rotacismo que é a transformação de um fonema /l/ em /r/.

Outra marca da oralidade identificada está na palavra "pra" ao invés de "para" ocorrendo a síncope com a supressão da vogal /a/ dentro da sua norma linguística. Em outra marca da oralidade o discente escreve a palavra "fentil" ao invés de "fértil" ocorrendo a mudança da consoante em sua oralidade.

Observa-se que, na maioria dos textos analisados, os estudos de Koch, Bortoni-Ricardo e Cagliari, os quais enfatizam a necessidade de reforçar o uso da norma padrão e observar os problemas fonológicos que interferem na produção escrita, devem ser seguidos e observados com mais frequência e rigor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que analisamos, nas redações coletadas, podemos considerar que a oralidade pode interferir no processo da escrita, e, enquanto, professores, devemos buscar alternativas, em sala de aula, para tentar reduzir tal interferência. Sabemos que alguns dos principais motivos para tais marcas orais aparecerem nos textos é a falta de leitura dos discentes. Assim, é importante levar para dentro das escolas projetos que incentivem principalmente a mesma, conscientes que não é só essa interferência que é causada pela falta do aluno não ser um bom leitor, mas há outros motivos para que isso ocorra.

O local onde convivemos pode nos influenciar a ter um dialeto diferente da língua padrão, e geralmente não conseguimos deixar esse vocabulário no momento da escrita e acabamos escrevendo como falamos. Nos textos coletados e analisados, percebe-se que os alunos usam as formas que trazem de suas conversas nas redes sociais para seus textos, e pode-se notar que os "erros" de ortografia e a ausência de pontuação se dão pelo fato do aluno fazer essa aproximação da fala com a escrita, e cabe ao professor atentar para atividades que façam esses discentes perceberem que há diferentes formas de escrita.

Assim como a oralidade, não podemos escrever um texto formal utilizando gírias, abreviações e "erros" de pontuação, afinal, a língua exige algumas regras

quando tratamos de formalidade. Portanto, o nosso intuito com essa pesquisa, o qual era saber se ocorria a influência da fala no processo textual, pode-se dizer, como já foi mencionado anteriormente, que há essa possibilidade, e então nosso objeto de estudo se concretiza.

Com base no que já foi mencionado, a busca por soluções deve ocorrer em diversas esferas, e cabe, principalmente a todos que estão inseridos em tais processos, buscar que os mesmos sejam concretizados com bom desempenho, entre os quais pode-se citar as escolas, os docentes, a família e, claro, o discente. Este trabalho não busca levar o aluno a pensar que sua forma de falar esteja errada, ou que sua escrita só deve ser formal; pelo contrário, nosso maior objetivo é preparar esse aluno para se sentir integrado tanto na sua oralidade quanto na sua escrita.

Tal integração é para o aluno mostrar que mesmo vivendo em situações sociais e em diferentes regiões, ele consegue desaproximar sua fala no momento que escreve, que não precisa deixar de falar conforme foi ensinado, só precisa dominar e saber os momentos certos para desenvolver as diferentes linguagens e saber usar diferentes discursos nas diversas esferas do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália** - a novela sociolinguística. Editora Contexto. São Paulo 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico** – o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARTHES, R.; MARTY, E. Oral/Escrito. In: Enciclopédia Einaudi. Oral/Escrito; Argumentação. Portugal: **Imprensa Nacional**, Casa da Moeda, 1987. v. 11. p. 32-57.

BORTONI-RICARDO, S. M. Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. O estatuto de erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair M.; COELHO, Izete L. (Org.). **Sociolinguística e ensino:** contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica**. Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

FÁVERO, L.L; ANDRADE, M, L, C, V, O; AQUINO, Z. reflexões sobre oralidade e escrita no ensino da língua portuguesa. In; ELIAS, Vanda Maria Elias. (org). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: contexto, 2013, p. 13-28.

KATO, M. A. **No mundo da escrita**. Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1988.

KOCH, Ingedore G. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Sobre o autor

Jorge Haber Resque

Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia - UNAMA

Contato: ejresque@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2767-0373>

Artigo recebido em: 25 de agosto de 2023.

Artigo aceito em: 25 de outubro de 2023.